

A infância da periferia: Efeitos da desigualdade social no desenvolvimento emocional.

10.3

Garantir a igualdade de oportunidades e reduzir as desigualdades de resultados, inclusive por meio da eliminação de leis, políticas e práticas discriminatórias e da promoção de legislação, políticas e ações adequadas a este respeito.

Ana Clara de Paula Soares (Escola Estadual Doutor Alfredo Pujol), Gabrielly Clara Sassi (Escola Estadual Doutor Alfredo Pujol), Gabriel de Souza Moreira (Escola Estadual Doutor Alfredo Pujol), Gabriel Vinicius de Oliveira Romero (Escola Estadual Doutor Alfredo Pujol), João Fábio Ribeiro da Silva (Escola Estadual Doutor Alfredo Pujol), Karolina Heidrich Ribeiro Azevedo Mourão (Escola Estadual Doutor Alfredo Pujol), Maria Paula Rezende do Santos (Escola Estadual Doutor Alfredo Pujol), Murillo Cinachi de Oliveira Santos (Escola Estadual Doutor Alfredo Pujol), Rebeca da Silva Rodrigues (Escola Estadual Doutor Alfredo Pujol), Vinicius Jose Camargo Penna (Escola Estadual Doutor Alfredo Pujol).

Orientadora: Vanessa Cristina Cardoso (Escola Estadual Doutor Alfredo Pujol)

O presente estudo investiga os efeitos da desigualdade social no desenvolvimento emocional de crianças que vivem em comunidades periféricas brasileiras. A infância é essencial para a formação da identidade, autoestima e habilidades socioemocionais, mas, em contextos de vulnerabilidade, esses processos podem ser prejudicados por fatores como pobreza, violência urbana, moradias precárias e exclusão educacional. O objetivo deste estudo foi analisar como essas condições influenciam o bem-estar psicológico e a capacidade de estabelecer vínculos afetivos seguros.

A metodologia adotada consistiu em uma revisão integrativa da literatura, realizada em bases como SciELO, PePSIC, LILACS e CAPES Periódicos, abrangendo publicações de 2014 a 2025. Foram incluídos estudos com crianças de 6 a 12 anos em contextos de vulnerabilidade social, considerando indicadores emocionais e socioeducacionais.

Os resultados indicam que a desigualdade social está associada a quadros de ansiedade, baixa autoestima e dificuldades de socialização. A exposição à violência cotidiana, à precariedade dos serviços públicos e à instabilidade familiar aumenta os riscos de comprometimento emocional. Entretanto, fatores de proteção podem atenuar esses efeitos, como a resiliência individual, o apoio familiar e comunitário e a atuação de educadores engajados, favorecendo o desenvolvimento emocional saudável.

Conclui-se que compreender os impactos da desigualdade na infância é fundamental para formular políticas públicas que promovam não apenas o acesso a direitos básicos, mas também o fortalecimento da saúde mental e emocional de crianças em comunidades periféricas. Intervenções integradas, que contemplem suporte educacional, social e afetivo, podem contribuir para a construção de vínculos seguros, o desenvolvimento integral e a inclusão social, oferecendo perspectivas mais amplas de bem-estar e equidade.

Palavras-chave: Infância; Periferia; Desigualdade social; Desenvolvimento emocional; Resiliência.

Modelo de resumo

**TÍTULO, CAIXA ALTA, ENTRE 5 E 20 PALAVRAS. LETRA ARIAL 12
NEGRITO
ODS (número)**

José Pereira (Universidade de Taubaté)
João da Silva (Universidade de Taubaté)

O ensino de matemática representa um desafio para alunos e professores e apesar de existirem muitas ferramentas pedagógicas para uso dentro e fora da sala de aula, o Brasil possui índices baixos de rendimento escolar nesta disciplina. Em muitas escolas os professores de matemática iniciaram discussões sobre o perfil dos alunos e estratégias para melhoria das atividades em sala de aula e do rendimento escolar. O objetivo do presente estudo foi conhecer as concepções de professores que lecionam a disciplina de Matemática no ensino médio em escolas de São Paulo, (SP) quanto ao perfil dos alunos e possíveis melhorias nas aulas. Os dados foram obtidos através de entrevistas com 196 professores e análise do discurso com posterior avaliação estatística de frequências utilizando o teste G. A maioria dos professores (N=129; 66%) citou que os alunos de ensino médio não tinham a intenção de ingressar em universidades e reclamaram dos métodos utilizados em sala de aula (N=139; 71%). Professores que desenvolveram a aprendizagem ativa (N=39; 20%) alegaram que os alunos obtiveram melhor entendimento de fórmulas e conceitos mais complexos, além de rendimento escolar mais alto. Como conclusão, métodos tradicionais poderiam ser intercalados com aprendizagem ativa no ensino de matemática visando melhor aceitação e compreensão da disciplina.

Palavras-chave: Ensino; Matemática; Aprendizagem Ativa.